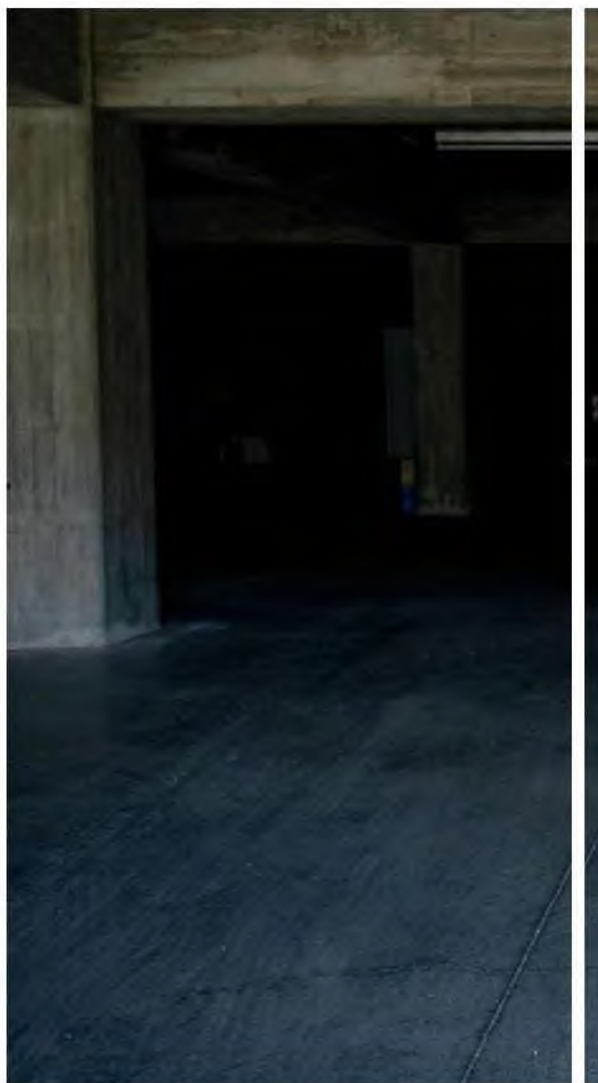


MARIA RAQUEL FREIRE



A Rússia tornou-se a maior ameaça à segurança europeia

Putin sairá muito fragilizado da guerra na Ucrânia. Esta é a opinião de Maria Raquel Freire, especialista em Rússia e espaço pós-soviético. De facto, muitos dos objetivos do Presidente russo saíram furados. “Temos uma grande solidariedade europeia e uma NATO revitalizada”, precisamente o oposto do que a Rússia pretendia, considera a investigadora do Centro de Estudos Sociais e professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Neste momento, “foram criadas as condições para haver uma discussão mais séria sobre a reforma das Nações Unidas”. E, no Kremlin, também pode haver mudanças.



FILIPA LINO



JOÃO CORTESÃO





O que quer Putin? Afirmar-se como grande líder mundial ou marcar território para manter a sua área de influência?

Ambas as coisas. Ficou claro desde muito cedo que o projeto de Putin era a recuperação do estatuto e prestígio da Rússia no sistema internacional enquanto grande potência. E, obviamente, esse projeto consiste também na sua afirmação enquanto líder. Quando o vemos a cavalgar na praia em tronco nu, como judoca de cinturão preto ou a acariciar felinos, todas estas imagens procuram transmitir a ideia do líder forte, que tem capacidade para liderar os destinos da Rússia. Essa imagem já está muito presente na sociedade russa. Mas, mais recentemente, houve uma alteração para a ideia de um líder sábio, conhecedor das relações internacionais, da diplomacia, de qual deve ser o lugar da Rússia no mundo e de como levar o país a esse mesmo lugar. É uma postura um pouco mais sóbria que traduz a combinação da força e do conhecimento. Ele quer criar um lugar na História para si como grande líder. Mas, na realidade, parece-me que toda esta construção se foi desfazendo com a agressão a que estamos a assistir na Ucrânia.

Muitos russos estão a manifestar-se nas ruas contra a guerra. Já não há medo de criticar abertamente Putin?

Esta dimensão de contestação interna é bastante interessante especialmente no contexto de crescente centralização do poder e de maior disponibilidade para o uso da força e de meios repressivos. As vozes contrárias ao regime são uma preocupação no Kremlin. Não será muito fácil falar numa oposição muitíssimo bem organizada porque o exercício de repressão, de divisão, o corte de potenciais ligações é constantemente feito. Mas, de facto, estas manifestações mostram que existem muitas vozes contrárias a esta intervenção, que é contrária àquilo que foi a narrativa do Kremlin ao longo destes últimos anos. A Ucrânia era vista como parte da "irmandade". Não faz sentido a Rússia envolver-se numa guerra contra um povo irmão e muitas destas manifestações passam também pelo facto de haver famílias mistas, amigos, toda uma rede de negócios que está implementada. Sabíamos que a Ucrânia sempre foi muito importante para a Rússia, mas tomá-la pela força já é outro nível e parece-me que estas demonstrações contra a guerra são um fator de pressão interna. Nos últimos dias, a Rússia fechou ainda mais o acesso a infor-

A Rússia não conseguiu desenvolver uma política de atração que permitisse a criação de laços fortes entre os países do espaço pós-soviético.



mação que não seja propaganda oficial veiculada pelo Kremlin.

A Rússia está cada vez mais isolada política e economicamente. Isso pode irritar ainda mais Putin e levá-lo a escalar a guerra?

Essa questão é muito interessante porque, de facto, podemos lê-la de duas vertentes diferentes. O facto de a Rússia estar a sofrer economicamente acaba por forçar Putin ao caminho das negociações, mas ele pode sentir também que terá menos a perder e que o facto de o Ocidente pressionar com tantas sanções também diminui o espaço de manobra diplomática. Assim, não tendo tanto a perder pode continuar as suas exigências de que a Ucrânia baixe as armas e se renda para que se possa negociar sempre nos termos russos.

O facto de terem sido aplicadas sanções aos oligarcas russos vai contribuir para travar Putin? Alguns já se estão a posicionar contra a guerra publicamente. Isto tem impacto no Kremlin?

Tem impacto, mas com algumas limitações. Putin é um líder que decide de uma forma bastante isolada. Tem alguns conselheiros próximos com quem vai conversando, mas não é muito claro com quem se aconselha e em que momentos. Naturalmente, o apoio dos oligarcas é muito importante para o próprio regime porque há uma inter-relação muito grande entre a política e a performance económica. Isso é inquestionável. As sanções têm uma componente muito direcionada ao regime, a Vladimir Putin, a alguns dos seus mais próximos colaboradores e aos oligarcas. O objetivo é exatamente aumentar a pressão, em particular, sobre o Presidente Putin. Temos visto alguns oligarcas a formularem de forma mais explícita a sua oposição à guerra. Também filhos de oligarcas se têm manifestado, o que é muito interessante porque estamos a falar de uma geração mais jovem. Começamos a ver uma classe [de oligarcas] mais jovem a insurgir-se com uma política extremamente autoritária russa, que se está a tornar cada vez mais limitativa em termos das liberdades e daí poderá também vir alguma pressão para o regime.

Do seu ponto de vista quem deveria ser o mediador das negociações entre a Rússia e a Ucrânia? Fala-se na China, mas há outros países que se mostraram disponíveis.

Tem-se falado de várias possibilidades. A China é uma delas mas também a Turquia, o Azerbaijão, Israel... Há vários atores que são relevantes na cena internacional e que se têm posicionado no sentido de tentar mediar esta guerra. A China é de facto um ator interessante neste contexto. Quando Putin se deslocou no mês passado à abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno a Pequim, os dois países assinaram uma série de acordos e isso demonstra uma proximidade, uma relação de cordialidade. Sabemos que há um en-

continuação

tendimento de ambos os líderes – Vladimir Putin e Xi Jinping – contra os EUA, contra um mundo unipolar. Em termos mais ideológicos e de ordem internacional existem alguns princípios partilhados. Mas a China tem demonstrado também alguma cautela na forma como se posiciona nesta questão da guerra. Isso ficou muito evidente na votação das sanções no Conselho de Segurança e também na própria votação no quadro da Assembleia Geral das Nações Unidas. Pequim nunca votou ao lado da Rússia. Tem-se absteído.

O que é que isso significa?

É sinal de que não existe um apoio incondicional da China à Rússia. Aliás, vários diplomatas chineses têm vindo a público no sentido de passar a mensagem de que precisamos de estabilidade no sistema internacional porque, depois de uma pandemia, estamos a tentar recuperar economicamente. A própria China precisa de recuperar economicamente e, perante um contexto de hostilidade internacional e com a probabilidade de a guerra alastrar (esperemos que este cenário não se concretize mas os chineses têm-no em cima da mesa), é a favor de um rápido cessar-fogo e que se encontre uma solução. Aliás, China, França e Alemanha mostraram esta terça-feira disponibilidade para coordenar esforços no sentido de mediar a paz. Uma iniciativa desta natureza pode, efetivamente, abrir novos espaços de diálogo, a par de sinais de que quer a Ucrânia quer a Rússia estarão também disponíveis para flexibilizar as suas posições negociais.

Mas também há um lado económico nesta relação entre a Rússia e a China.

Face à crise que a Rússia neste momento está a enfrentar seria expectável que houvesse uma densificação das relações económicas entre a Rússia e a China e não temos assistido a isso. A China sabe que aquilo que a Rússia tem para oferecer em termos económicos não é muito diverso. Tem metais preciosos, gás e petróleo. Pequim pode eventualmente aumentar a compra destes materiais e de alguma produção de trigo mas, na realidade, há algum limite. Por outro lado, em termos de eventuais empréstimos financeiros, o Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas e o novo Banco de Desenvolvimento no âmbito dos BRICS suspenderam os seus empréstimos e as suas transações com a Rússia. Existem alguns sinais de que há pressão da parte da China, no sentido de tentar que a Rússia entre em negociações. Mas também é preciso notar que a Rússia não quer

“

Precisamos de repensar o que será a ordem de segurança europeia e internacional porque a forma como a Rússia está a atuar posiciona-a como um Estado pária.

apenas receber empréstimos chineses para ajudar a almofadar o impacto das sanções porque isso sinalizaria fraqueza. Ora, a Rússia quer continuar a apresentar-se como um país forte e, por outro lado, esses empréstimos vão aumentar ainda mais a dependência da Rússia em relação à China. É uma relação muito desequilibrada porque a economia russa é cerca de 11 vezes menor que a chinesa.

Neste momento, há uma ameaça nuclear. É só mesmo uma ameaça ou há o perigo de alguém carregar no botão

vermelho?

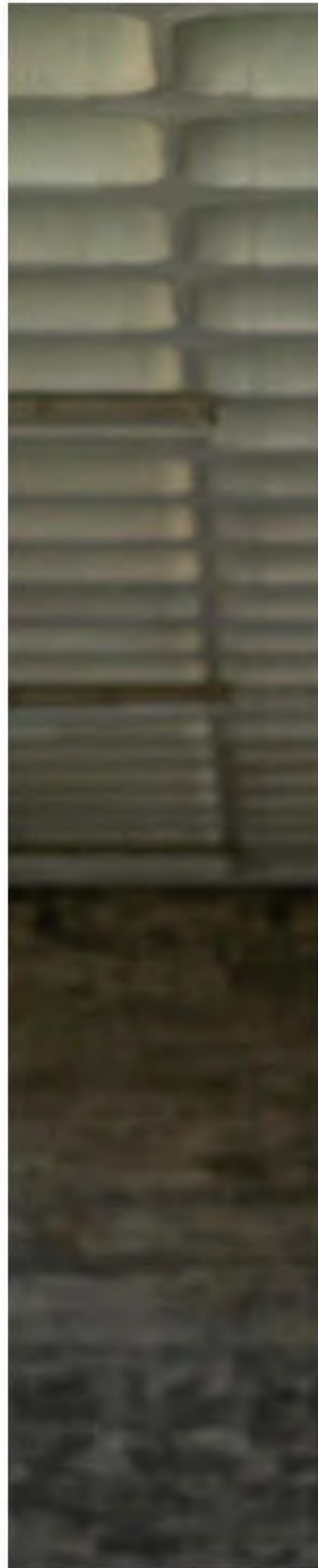
Essa, infelizmente, é uma das opções que estão em cima da mesa e que não podemos descartar completamente. Neste momento eu consideraria improvável o cenário de uma guerra nuclear. Parece que Putin usa a narrativa da opção nuclear mais como forma de criar pressão e tentar criar espaço político adicional para as negociações e, eventualmente, um cessar-fogo, do que propriamente com uma vontade clara de avançar nesse sentido. Mas vai depender muito do evoluir da situação da guerra. Se tivermos um Ocidente que assuma uma postura de que o objetivo é isolar totalmente a Rússia, não lhe dar qualquer espaço de manobra, continuar a enviar armas para a Ucrânia mas sem criar espaço para o diálogo político, aí podemos estar a prolongar a guerra e a não permitir que os canais de diálogo possam efetivamente levar a um entendimento.

A NATO e a União Europeia ganharam novo fôlego com esta guerra?

Claramente. Essa foi uma das consequências indesejadas da estratégia de Putin. Ao longo de muitos anos, a sua estratégia foi encontrar forças nas divisões do Ocidente. Parece-me que Putin não esperava uma tão grande unidade e solidariedade entre os 27 países da União Europeia, na votação na Assembleia Geral da ONU, na votação no Parlamento Europeu... Temos claramente uma grande solidariedade europeia e temos uma NATO revitalizada. Exatamente o contrário daquilo que a Rússia pretendia. Eu diria que a Rússia minou qualquer legitimidade e credibilidade em relação a todas as suas preocupações com a segurança europeia, que foi materializando ao longo do tempo, e tornou-se ela própria a maior ameaça à segurança europeia. Há uma descredibilização total daquilo que foi a narrativa do Kremlin durante vários anos. Temos agora um reforço das democracias e da coerência da Europa ocidental no quadro NATO/ União Europeia que, obviamente, é contrária aos interesses e àquilo que tem sido a política de desestabilização e de divisão do Ocidente promovida pelo Kremlin.

Se Putin conseguir invadir a Ucrânia, seja total ou parcialmente, será que vai ficar por aqui? Está a acontecer uma ocidentalização de países que pertenceram à URSS.

O espaço pós-soviético sempre foi uma área de interesse vital e de influência fundamental para a Rússia. Estamos a falar das 12 repúblicas que resultam do colapso da União Soviética.





Todo este espaço é muito heterogêneo. As repúblicas são muito diferentes e foram assumindo caminhos distintos em termos da sua política externa. Algumas com maior sucesso, outras com maior dificuldade, mas na realidade Putin não tem influência ilimitada no espaço pós-soviético. Quando olho para aquilo que têm sido estes últimos anos, a percepção com que fico é que a Rússia não conseguiu desenvolver uma política de atração que permitisse a criação de laços fortes entre os países do espaço pós-soviético, na lógica que ele gostaria de uma maior proximidade destas repúblicas à Rússia. Aquilo a que fomos assistindo – a guerra na Geórgia em 2008, a anexação da Crimeia em 2014 e a guerra no Donbass – foi ao uso da força para conseguir manter a sua influência, manter pressão sobre estes países.

Que os fez entrar no caminho da ocidentalização. Depois da Ucrânia também a Geórgia e a Moldávia pediram a adesão à União Europeia.

O espaço pós-soviético tem procura de alguma forma encontrar um entendimento entre as suas relações com Moscovo e com o Ocidente para não ficarem demasiado dependentes da Rússia. Estes três países assinaram acordos de associação, que é o nível mais elevado dos acordos que a União Europeia assina com os

países da vizinhança. Naturalmente a Geórgia e a Ucrânia, com as guerras, voltaram as costas à Rússia. Estes governos pretendem claramente uma maior aproximação ao Ocidente. Mas quando olhamos a votação no quadro da Assembleia Geral das Nações Unidas nenhuma das antigas repúblicas do espaço pós-soviético, à exceção da Bielorrússia, votou ao lado da Rússia. Houve abstenções, mas mais uma vez isso demonstra também que a Rússia não tem um poder ilimitado sobre todo este espaço como gostaria de ter.

A ONU terá de passar por uma mudança interna depois desta guerra, nomeadamente no Conselho de Segurança?

Foram criadas as condições para efetivamente haver uma discussão mais séria sobre a reforma das Nações Unidas. Esta questão tem estado em cima da mesa há anos. Os russos sempre disseram que são favoráveis à reforma do Conselho de Segurança desde que não haja uma alteração nas forças de poder e na capacidade de encontrar consensos. Basicamente, a mensagem é não queremos alargar o Conselho de Segurança da ONU. Não será uma negociação fácil, mas é muito necessária. Parece-me que com aquilo a que estamos a assistir atualmente, a arquitetura de segurança europeia desmoronou-se. Precisamos de repensar aquilo que será a ordem de segurança europeia e a própria ordem internacional porque a forma como a Rússia está a atuar neste momento posiciona-a como um Estado pária, que atua fora dos princípios internacionais acordados.

Independentemente do que acontecer, Putin tornou-se persona non grata para o mundo. Como pode sair deste conflito e salvar a face?

Não é muito fácil tendo em conta a forma como ele tem vindo a gerir esta guerra, com uma clara maximização de objetivos e exigências. Parece-me que Putin sairá muito fragilizado, mas na narrativa russa isso não vai passar. Mesmo que não ocupe totalmente a Ucrânia, apesar de esse ser um dos cenários, haverá sempre elementos que Putin pode usar na sua narrativa interna para justificar a guerra e os ganhos alcançados. É o que tem feito até agora. Mas um aspeto também muito relevante nesta equação é o que vai acontecer na Rússia. Até que ponto as vozes contrárias no Kremlin, as vozes dos oligarcas que pedem já um fim das hostilidades, e até mesmo vozes dentro do próprio aparelho militar russo, poderão eventualmente levar a uma alteração na rota do Kremlin? Ou até mesmo pressionar a uma alteração da liderança, em última instância? Na realidade tudo está em aberto neste momento. [w](#)

Começamos a ver uma classe de oligarcas mais jovem a insurgir-se e daí poderá vir alguma pressão para o regime de Putin.

